

Xerox

25

rubem braga

1238

Vitória no mapa

Estou impressionado com a força crescente das mulheres no meio das artes plásticas brasileiras. Fui neste fim de semana a Vitória ver o II Salão Nacional organizado pelo Museu de Arte Moderna do Espírito Santo — um museu que existe graças ao devotamento, ao entusiasmo, à quase loucura de Roberto Newmann. Ele instalou-se no velho Teatro Carlos Gomes, hoje felizmente libertado de sua servidão como cinema, e carecendo de uma urgente restauração que lhe dê conforto e condições para funcionar novamente como teatro.

Embora coincidisse com a Bienal, o Salão foi bastante concorrido, contando, inclusive, na Sala Especial, hors-concours, obras de Fayga Ostrower, Isabel Pons, Aldemir Martins, Chanina e Jenner Augusto. Na seção de pintura haviam 111 peças, e o primeiro prêmio, de 1 milhão, coube a um quadro de Vilma Pasqualini, na nova-figuração do Rio. O segundo prêmio coube a um surrealista capixaba, Paulo Roberto Mian, de muito interesse, e o terceiro a Carlos Chénier de Magalhães, também um bom pintor de Vitória. Em desenho o primeiro prêmio coube a um homem, Sérgio Lerman, de Belo Horizonte, mas o segundo e o terceiro foram para a mineira Sara Avila de Oliveira e a baiana Edsoleda Santos. Em gravura duas cariocas pegaram os dois melhores prêmios: Ruth Besoudo Courvoisier e Teresa Miranda Alves, cabendo o terceiro a Juarez Paraíso, baiano. Dos prêmios "Miguel Scal", reservados para os artistas capixabas, o primeiro coube a um homem, Raphael Sarnu, mas os outros três foram para mãos femininas: Maria Helena Lindenberg Coelho, Ilária Martins Rato e Márcia Martins de Moraes.

Isso não é de estranhar, porque, ao visitar a Escola de Belas Artes da Universidade do Espírito Santo, no ano passado, vi as salas de aula cheias de môças. O mesmo se pode ver em qualquer curso de arte no Rio. Não acredito que na pintura a óleo as mulheres consigam suplantiar os homens, porque as melhores possibilidades do óleo são mais adequadas para servir a temperamentos masculinos, mas na gravura, no desenho, na aquarela e no guache a concorrência é terrível. Ia me esquecendo de dizer que na seção de escultura, a mais fraca do Salão (em primeiro lugar porque é a mais fraca das artes plásticas no Brasil, e em segundo porque os artistas não convidados devem pagar o frete de suas peças), o primeiro lugar coube ao gaúcho Avatar, que expôs no ano passado algumas admiráveis "caixas" na Petit Galerie, e agora partiu para outras coisas, mas o segundo e o terceiro também foram arrebatados por mulheres: Mari Yoshimoto, de São Paulo, e Elza Lesaffre, de Vitória.

É preciso louvar esse pequeno MAM do Espírito Santo, que merece o apoio de todo mundo pelo que está fazendo ou tentando fazer não apenas no terreno das artes plásticas como do teatro, do cinema, da música e até da literatura. Graças à atividade incrível de Roberto Newman, Vitória poderá ver no próximo verão, as obras de artes de várias representações estrangeiras da Bienal de S. Paulo.

Capixaba de nascimento, mas tendo passado a maior parte da vida em países distantes, Roberto voltou já homem maduro com uma fúria capixabe cívica admirável, e se dispôs a fazer de Vitória uma das capitais da arte brasileira. E a verdade é que ele já conseguiu pelo menos botar Vitória no mapa: artistas de todo o Brasil do Pará ao Rio Grande do Sul, estiveram nesse II Salão.

Já é alguma coisa, mas estou certo de que ele fará muito mais.

370

DIU - 4. 10. 67